

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 56 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1175	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>20 de Agosto de 1911</b>	Todos os pedidos de assignatura deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	3\$000	1\$500	650	120		



**Dr. Miguel Bombarda**  
Quadro por Columbano



**Vice-almirante Candido dos Reis**  
Quadro por Velloso Salgado

RETRATOS INAUGURADOS NA SALA DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

(Clichés Benoliel)

## CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica quizera ser tão leve, tão ligeira, tão alegre, quanto convinha sob a pressão deste calor que asphyxia e da não menos asphyxiante politica que ora se debate num dos momentos mais solennes da sua vida: a gestação de um presidente da Republica. Mas o calor amolece o corpo, quebra as forças, traz o somno, e nesta modorra como hade o espirito elevar-se aos domínios da politica, que está nas alturas, tão inacessível como o azeite que, á medida que o governo o chama ao mercado e o ameaça com alguns milhões de litros hespanhoes, elle responde como aquelle ministro respondeu ao governo de Castella quando o ameaçava de invadir as fronteiras com trinta mil infantes e cavalleiros: Não cabem cá tantas bestas!...

O azeite tão preciso para temperar as couves e o bacalhau como para amaciar todas as asperezas ou atritos da machina, está produzindo effeitos diversos da sua natureza; não tempera as couves nem o bacalhau porque não ha quem lhe chegue ao fabuloso preço, e em vez de amaciar os complicados machinismos da politica, emperrou-os com a perturbação da ordem publica, vindo o povo amotinar-se em frente da Assembleia Constituinte.

Ora o azeite é demasiado flacido para produzir taes effeitos e d'ahi a suspeita de que elle foi pretexto e não causa directa dos motins.

O que afinal se comprova é o que a chronica sempre pensou, quando se pedia, e com justiça, a supressão do imposto do consumo. O Estado — pensava a chronica — privava-se de algumas centenas de contos em beneficio do povo, e essas centenas de contos redundavam em beneficio dos commerciantes de viveres, ficando tudo como d'antes.

Mas «o mais engraçado da passagem...» é, quando o azeite deixava de pagar cincoenta réis de direitos em litro, subia em Lisboa mais cem e cento e cincoenta, sob pretexto de não haver azeite sufficiente, apesar de n'uns e n'outros pontos do paiz os lavradores affirmarem o contrario.

Entrava, é evidente, o monopolio em acção, e o mesmo está acontecendo com as carnes de porco, com o toucinho, com os miudos de vacca, com todos os comestiveis em que foi supprimido o imposto do consumo.

Como pôde assim a chronica ser leve, ser ligeira, ser alegre, no meio destas tristezas que chamam á realidade da vida de egoismos, de ganancias, de desrespeito pelos interesses da collectividade, em proveito de inconfessaveis interesses individuaes?

A carestia da vida, consequencia das mil commodidades creadas pelo progresso, tem chegado em nosso paiz a um desequilibrio estonteante, não poupando sequer as coisas de primeira necessidade, como é a habitação e a alimentação, mais modestas que sejam.

O progresso que em toda a parte tende a tornar a vida mais commoda, neste paiz a pouquissimos permite essas commodidades, pela razão de que os ganhos não acompanhando, na sua grande maioria, o progresso, não correspondem á satisfação das instantes necessidades da vida.

A questão muito complexa, tem por causa principal a ignorancia, que não se combate com os processos de educação e de instrucção que até aqui desnorteadamente o Estado tem ministrado ao povo.

O progresso, que se diz haver em Portugal, é ficticio, ou antes, emprestado como o dinheiro que por ahi correu no tempo das vaccas gordas, e se não veja-se o que acontece no trabalho nacional, com as nossas rachiticas industrias, que tem de pedir o auxilio estrangeiro, dos seus engenheiros, dos seus mestres, das suas machinas e até de muitas materias primas, que não obstante algumas haver no paiz, não se aproveitam por não se saberem preparar.

Se se constrem caminhos de ferro, portos artificiaes, montam fabricas com seus machinismos, para tudo é preciso virem engenheiros de fóra, porque os de cá estudaram os seus cursos, queimaram as pestanas e cahiram-lhe os cabelos, mas não lhes ensinaram nada de pratico que os habilitassem aos trabalhos da sua profissão. Se queremos commodidades temos que as pagar ao estrangeiro para que nol-as forneça. Em Lisboa, é uma companhia estrangeira que arrecada por anno o melhor de mil e quinhentos contos, que aos vintens o povo paga para andar de electrico.

Como estes, quantos milhares de contos se vão

embora por anno, para gosarmos as commodidades que o progresso tem creado, chegando a julgarmos que são nossas, que são producto do nosso proprio progresso, como acontece nos outros paizes em que o progresso proprio se contrabalança com o progresso alheio.

Aqui, infelizmente, não acontece isso, porque a base de todo esse progresso mundial que se impõe: a instrucção, ainda cá não chegou em termos.

Eis porque todo o progresso que se presume na vida portugueza é ficticio, emprestado, são as pennas de pavão com que nos enfeitamos, como as damas se enfeitam ao espelho para parecerem mais formosas.

Dura verdade é esta, mas criminoso seria occultar a para que a illusão continue.

Só ha um meio de entrar no verdadeiro caminho, e esse meio, por mais que pareça dito e redito, indicado e pedido aos poderes publicos, é a instrucção, principiando pela escola primaria á superior, moldada em bases novas, a par da sciencia moderna em todas as suas manifestações.

Está já decretada pelo governo da Republica uma reforma da Instrucção Primaria, que foi acolhida com applauso e que deverá dar o desejado resultado posta em pratica; mas por mais rapido que ella se estabeleça, será preciso uma geração para produzir os seus effeitos.

D'aqui até lá, tudo continuará pouco mais ou menos no mesmo estado, na mesma desordem de ideias, no mesmo desequilibrio economico, no mesmo mal estar, a despeito de todos os discursos, de todas as medidas de expediente dos governos, de todas as leis que se promulgarem, porque é prégar no deserto, é semear em terra machinha, é legislar para um povo sem cabeça.

JOÃO PRUDENCIO.



### Homenagem á memoria de Miguel Bombarda e Candido dos Reis

Dois retratos por Columbano e Velloso Salgado

A Junta Liberal, não esquecendo os altos serviços prestados á causa da Republica Portugueza por o dr. Miguel Bombarda e almirante Candido dos Reis, celebrou a data de 2 de agosto, segundo anniversario da grande manifestação de protesto contra a marcha do governo, promovida pela mesma Junta, e a que se associou uma boa parte do povo de Lisboa, que em massa se dirigiu ao parlamento, celebrou, repetimos, essa data, com uma sessão solemne nas salas da Camara Municipal de Lisboa, para inaugurar os retratos daquelles dois heroes da Republica.

Varios oradores discursaram nessa sessão, como os srs. dr. José de Castro, Alvaro de Castro, Antonio Macieira, etc., elogiando todos o character e os serviços do dr. Bombarda e almirante Reis ao partido republicano, como aquelles que com mais esforço e tenacidade trabalharam pela implantação da Republica em Portugal.

Os retratos, que foram colocados na sala immediata ao salão nobre, são duas primorosas télas devidas aos pintores Columbano e Velloso Salgado, duas glorias da arte portugueza.

O retrato do dr. Miguel Bombarda, pintado por Columbano, é mais uma obra notavel d'este artista a juntar á preciosa coleção de retratos devidos á sua singular visão psicologica e originalidade de paleta.

Velloso Salgado desempenhou briosamente o retrato de Candido dos Reis, produzindo uma bela obra de arte, quer na correcção das suas linhas, quer no colorido e semelhança do personagem que representa.

São mais duas obras de arte que se guardam nas salas da Camara e que os seus autores muito bisarramente ofereceram á Junta Liberal, que ali os foi arquivar.



Calino, em punição de um delicto qualquer, é condemnado a trinta dias de cadeia.

O seu advogado informa-o que tem um praso de seis mezes para se constituir prisioneiro.

— Nada! exclama o nosso amigo, quero ir já para a cadeia, afim de aproveitar os dias mais curtos do anno.

## Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Pelas 8 horas da manhã do dia 14 sahiram para a estação do caminho de ferro, afim de seguir para Pearl City, umas 40 praças de mari-nhagem. Ao sairem de bordo fóram-lhe collocadas corôas de flôres ao pescoço por senhoras portuguezas; marchou á frente d'estas praças a banda de musica portugueza.

Às 9 h. e 15 m. os officiaes, acompanhados pelo Consul, embarcaram no vapor *Kukui* do serviço dos faroos e fóram para Pearl Harlour acompanhados pelo Lieut. Commander Victor Houston. Aquelle porto, que se vae transformar na mais importante base naval do Pacifico, é muito extenso e tem uma entrada estreita e facil de defender. Estão-se construindo dokas seccas, fortes e dragando o canal de entrada afim de augmentar o raio das curvas. Ali vimos dragas sugadoras, escavadores submarinos semelhantes aos do canal de Panamá, e brocas furando a rocha para ser rebentada a dynamite. Ficará certamente um dos melhores e mais abrigados portos do Globo. Pelas 11 horas chegámos a Pearl City, onde já nos esperavam centenas de pessoas que para ali tinham ido em caminho de ferro ou em automoveis. Passou-se a tarde em jogos athleticos no campo á beira-mar e dançando n'um grande pavilhão que ali ha.

Aos officiaes e ás praças foi pela commissão dos festejos offerecido um *lunch*. Estavam perto de mil pessoas. Regressei a Honolulu no automovel do «Mayor.»

Às 8 h. e 45 m. da manhã do dia 15 sahiramos de bordo para em 7 automoveis dar uma volta á roda da ilha, uns 160 kilometros.

40 praças e uma guarda do altar fóram á missa a pedido do Bispo de Zeugma, assistindo alguns officiaes á festa do Espirito Santo.

Percorremos nos automoveis lindas estradas e bellas plantações de canna de assucar e de ananazes.

À 1 hora da tarde em Waialua eramos esperados por centenas de portuguezes, que por ali trabalham nas plantações de canna. N'um largo: paus de bandeiras, um coreto onde tocava a musica e uma grande barraca onde se realizou um *lunch* a mais de cem pessoas. Regressámos a bordo pelas 6 horas da tarde.

A convite do «Mayor» fui com elle no seu automovel. As estradas estão bem cuidadas e por toda a parte se vêem galgas a vapor (Steam rollers) e machinas de britar pedra a vapor. Cada trabalhador nas plantações de canna tem a sua casinha independente, ganha 16 a 20 mil réis por mez e possui uma pequena porção de terreno para cultivar por sua conta.

No dia 16 estiveram a bordo, sendo recebidos com as honras devidas: o almirante Rees, o governador do territorio, o bispo de Zeugma e os Consules de Inglaterra, Japão e China. Fóram convidados pelos officiaes para um *lunch* vinte e uma alumnas da escola portugueza, que fóram servidas pelos proprios officiaes e aspirantes.

Mettemos carvão no dia 17, carvão americano New River, fornecido pela marinha americana ao preço de 7,74 dollars a tonelada f. a. s.; mette lo a bordo custou 0,50 a tonelada. Fui n'este dia convidado para um jantar intimo pelo Consul inglez Ralph G. E. Forster, ao qual assistiu o Consul de Portugal.

N'esta noite teve logar na sala da Sociedade Lusitana uma recita em que tomou parte a guarnição do *S. Gabriel*.

Esteve a bordo no dia 18 o Consul d'Italia, F. A. Schaefer.

A passagem do cometa de Halley sobre o disco do sol, que teve logar pelas 5 h., 14 m. e 18 s., não produziu phenomeno algum interessante. Os professores Ellerman do Mount Wilson Observatory e Donagho do College de Hawaii, bem como o astronomo Lord, não notaram phenomeno algum anormal nas observações que aqui fizeram em Diamond Head e Kaimuki com os telescopios de 6 e 6,4 pollegadas. O cometa mostrou não ter nucleo solido e passou sobre o sol sem que n'essa occasião desse logar a diminuição na intensidade luminosa d'esse astro. Todas as estações radio-telegraphicas a bordo e em terra tinham pessoal aos aparelhos, mas não se notou qualquer perturbação magnetica ou electrica.

N'algumas ilhas d'este archipelago os trabalhadores do campo estavam com receio e nas cidades agglomerou-se gente nas proximidades das igrejas. Não se notou igualmente nenhuma per-

turbação meteorológica. O cometa foi enfim um fiasco para aquelles que d'elle esperavam alguma coisa interessante ou util para a sciencia.

Visitei no dia 19 os consules da Allemanha e da Suecia.

Veiu a bordo uma comissão de portuguezes composta dos srs. A. D. Castro, M. A. Silva, dr. L. R. Gaspar, T. P. Rodrigues, J. G. Faria, J. S. Azevedo, J. M. Camara e M. A. Gonçalves offerecer ao navio um modelo de «Calabash» (vasilha em que os indigenas fazem a comida), de madeira polida com borda de prata, tendo nos extremos do mesmo diametro incrustações em prata e esmalte com as armas e bandeiras hawaianas e portuguezas e uma dedicatória.

Este «Calabash» foi collocado na sala de visitas do Commandante.

No dia 20 de maio pelas 11 horas da manhã, dia do enterro do Rei Eduardo VII de Inglaterra, realisaram-se exequias na cathedral de S. Andreios, para as quaes fomos convidados pelo Consul de Inglaterra. Estavam o Governador, corpo diplomatico e todo o elemento official. Aos officiaes do *S. Gabriel* foram dados os primeiros logares ao lado do Almirante Rees.

Na manhã do dia 21 de maio, acompanhado pelo Consul de Portugal, visitei os commandantes do forte Schafter, Major Dunning e da nova bateria de morteiros J. Timberlake. Esta bateria, por detraz de Diamond Head, completamente moderna, tem dois grupos de 4 morteiros. Está-se construindo uma outra em Waikiki, além das baterias de tiro direito e de morteiros já começadas á entrada de Pearl Harbour.

Despedi-me do Almirante Rees e offereci ao Post Office transportar as malas, offerecimento que foi acceteito.

Da 1 hora ás 3 horas tocou a bordo a Hawain Band, banda pertencente ao Governo que custa 1.600\$000 réis por mez.

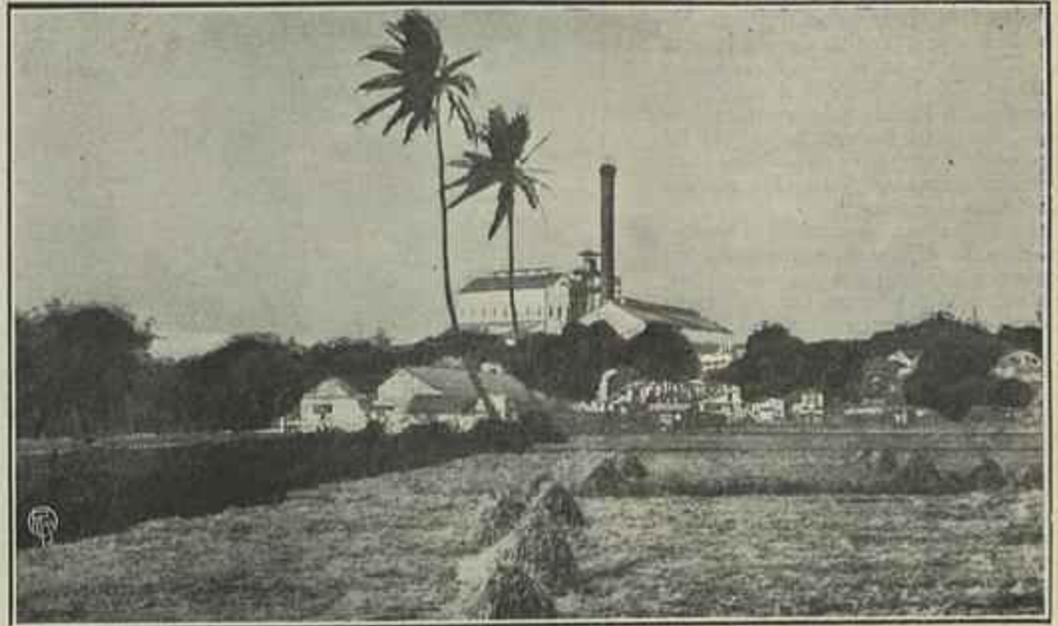
Com optimo tempo sahimos do porto de Honolulu pelas 6 h. e 30 m. da tarde conduzindo a bordo o Consul de Portugal e algumas familias da colonia portugueza. Tendo apenas de percorrer 90 milhas durante a noite só accendemos uma caldeira. Navegando sempre á vista de terra e faroes das diferentes ilhas avistámos pelas 3 h. e 30 m. da manhã do dia 22 as luzes de Kahului, para onde navegámos, fundeando pelas 5 h. e 30 m. da manhã perto do quebramar e amarrando de pôpa para uma boia.

Às 8 horas veiu a bordo a comissão de recepção do cruzador *S. Gabriel* apresentar o programma, que foi approved; ás 9 horas seguimos em automoveis para Iao Valley, onde houve um almoço, e d'ali para Makawao a visitar uma

Durante o dia visitaram o *S. Gabriel* umas duas mil pessoas. Em Maui ha perto de quatro mil portuguezes.

Às 6,15 da tarde largámos em direcção á cidade de Hilo, na ilha de Hawai. Ao amanhecer do dia 23 approximámo-nos da costa, que é muito

tel pequeno, mas d'um aceio e conforto inexcelsíveis, e á noute houve na Armoury uma grande recepção seguida d'um baile a que concorreram mais de mil pessoas de todas as classes sociaes, desde o Juiz, que é a primeira auctoridade, até ao mais modesto trabalhador portuguez.



UMA FABRICA DE ASSUCAR NO HAWAI

bonita e accidentada, com grandes plantações e fabricas de assucar, avistando-se constantemente grandes quedas de agua.

Ao chegar ao Hilo vieram ao nosso encontro o vapor *Claudine* com umas 300 pessoas e cinco barcos movidos a gasolina. N'este archipelago acabou a navegação á vela e a remos. Todas as embarcações teem motor.

Pelas 8 horas da manhã fundeámos na bahia de Hilo, amarrando a pôpa para uma boia afim de conservar o navio aproado á ondulação que ali é frequente.

Pouco depois vieram a bordo os membros da comissão de recepção do *S. Gabriel* apresentar o programma dos festejos, que foi approved.

Veiu em seguida a direcção da Real Associação de Beneficencia Micheelense, de que El-Rei

Para dar a V. Ex.<sup>a</sup> uma idéa do effeito que produziu a vinda d'este navio a estas ilhas mencionarei um facto succedido no dia da nossa chegada. Quando navegavamos de manhã ao longo da linda costa leste de Hawai, uma mulher velha portugueza, n'uma das plantações, ao avistar o *S. Gabriel*, içou a nossa bandeira depois de obrigar toda a familia a beijal-a.

Nos dias 24 e 25 foi visitar o celebre vulcão de Kilauea toda a guarnição do navio. No primeiro dia foram 16 officiaes e guarda-marinhas e 85 officiaes inferiores e praças. Os officiaes foram de Hilo até quasi ao vulcão (39 milhas) em seis automoveis. As praças foram em caminho de ferro até á estação de Glenwood e depois em carros tirados por cavallos.

O vulcão de Kilauea é o maior vulcão activo que existe, a sua cratera de fórma oval tem 9 milhas de circumferencia e n'ella se vê um mar de lava incandescente cujo nivel varia. E' um soberbo espectáculo, sobretudo ao anoitecer; no dia 25 foram visitar o vulcão os restantes officiaes e praças. A' noite houve um baile no salão da «Armoury».

A 26, por ser o dia de Corpo de Deus, foram á missa á igreja catholica 44 praças do *S. Gabriel*. Visitei as escolas das missões Catholicas e á volta teve lugar um banquete offerecido pela comissão de recepção do *S. Gabriel* na casa d'um negociante portuguez, sr. Canario. Regressámos a bordo ás 10 horas da noite, sendo offerecida ao cruzador uma taça de prata com uma dedicatória commemorativa da primeira passagem por Hilo d'um navio de guerra portuguez.

Suspendemos pelas 10 h. e 30 m. da noute e com o projector fomos descobrindo as boias da orla do baixo da entrada, e navegando em seguida com optimo tempo e uma velocidade média de 13 milhas por hora, sempre á vista das diferentes ilhas que formam o archipelago, entrámos em Honolulu pela 1 hora da tarde do dia 27, amarrando ao mesmo Wharf onde anteriormente tinhamos estado. Veiu cumprimentar-me um official da parte do almirante Rees, visita que pouco depois retribui.

No dia 28 foi-me offerecido um jantar pelo almirante Rees, ao qual assistiram os consules de Portugal e de Inglaterra e alguns dos principaes homens e senhoras da sociedade americana de Honolulu. Na mesma noite teve lugar na sede da Sociedade Lusitana um baile e representação animatographica para estado-menor e praças do *S. Gabriel*.

No dia 30 teve lugar no theatre Bonine uma recita em beneficio da escola portugueza, em que tomaram parte as praças da guarnição d'este navio.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.  
Capitão de fragata



O CONSUL DE PORTUGAL E SUA FAMILIA EM HONOLULU

plantação de vinha, percorrendo varias boas estradas. Estivemos tambem na fabrica de assucar de Mr. Baldwin, a maior que existe, onde se consomem diariamente 700 wagons de canna. Esta plantação tem 20 milhas de caminhos de ferro e umas 60 de canaes. Pelas 3 horas da tarde teve lugar um grande «luau» (comida Hawaiana), onde concorreram as pessoas mais importantes de Maui, ao todo umas 500 pessoas.

é presidente honorario. Convidei dois membros da comissão a almoçar e em seguida, em companhia do Consul de Portugal, percorri a cidade de automovel, e visitei a fabrica de assucar da Hilo Sugar & C.<sup>a</sup>, as obras do quebramar em construcção, a grande queda d'agua Rainbowfalls, que dá luz e força motriz para a cidade, a estação do caminho de ferro e o Club.

Fui convidado a jantar no Hilo Hotel, um ho-

## Reconhecimento da Republica Portugêsa pelos Estados Unidos da America do Norte

O reconhecimento da Republica Portugêsa pelos Estados Unidos da America do Norte, teve lugar, no dia 3 do corrente, com a entrega das credenciaes do governo daquella republica, que acreditam seu ministro, em Lisboa, ao sr. Edwim Morgan.

O sr. Edwim Morgan é um diplomata muito distinto, de carreira, tendo sido secretario de legação, de que foi promovido a ministro para Cuba, onde afirmou suas qualidades diplomaticas de fôrma superior.

De Cuba passou a ministro na Republica do Uruguay, sendo ali muito estimado nas classes mais elevadas, pela alta cultura do seu espirito e trato de um verdadeiro gentilhomem.

O acto official realisou-se no palacio de Belem onde compareceram o sr. dr. Teofilo Braga, presidente do governo, drs. Bernardino Machado e Afonso Costa, respectivamente ministros dos estrangeiros e da justiça, capitão de mar e guerra sr. Azevedo Gomes, ministro da marinha, dr. Euzebio Leão, governador civil, general da 1.ª divisão sr. Carvalho, general da guarda nacional republicana sr. Encarnação Ribeiro e ajudantes, drs. Rodrigues Lima, Silva Amado, Eugenio dos Santos Tavares e Arthur Costa.

O sr. Edwim Morgan chegou ao palacio de Belem com o sr. capitão-tenente Sousa Dias, vindo em um laudau do Estado e seguido de um esquadrão de cavalaria. A entrada do palacio fazia a guarda de honra o regimento de infantaria n.º 1.

Uma vez no salão das recepções, o novo ministro da America, leu ao sr. dr. Teofilo Braga a seguinte alocução:

«*Sr. Presidente*—Tendo sido nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos Estados Unidos da America, junto do governo da Republica de Portugal, cabe-me a honra de entregar a v. ex.ª a carta que me acredita nessa qualidade.

Estou especialmente encarregado de transmitir a v. ex.ª as saudações do presidente e de assegurar os melhores votos do governo e povo americano pela prosperidade do governo e do povo portugês.

A semelhança de instituições, a actividade e o espirito de progresso manifestados por grande numero de compatriotas de v. ex.ª, que encontraram um novo lar nos Estados Unidos, contribuem para tornar constantemente mais apertadas as relações entre os nossos respectivos países, que ha toda a razão para attingirem a maxima intimidade.

Será, porém, meu especial empenho desenvolver os interesses comuns de ambas as nações e empregar todo o esforço para o estreitamento dos sentimentos cordeaes que entre ellas presentemente existem.

Procedendo dessa fôrma, conto incondicionalmente



O SR. EDWIM MORGAN, MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA, EM LISBOA, ACOMPANHADO DO SR. CAPITÃO-TENENTE SOUSA DIAS, SAHINDO DO PALACIO DE BELEM DE FAZER ENTREGA DAS CREDENCIAES

com o sincero concurso de v. ex.ª e do governo, o qual, estou certo, se acha animado do mesmo amigavel proposito.»

A esta cordealissima alocução respondeu o presidente do governo portugês:

«*Sr. Ministro*—Recebo com particular satisfação a carta que acredita v. ex.ª junto do governo da Republica Portugêsa na qualidade de Enviado Extraordinario e ministro Plenipotenciario da Republica dos Estados Unidos da America.

Muito afetuosamente agradeço, em nome do governo e do povo portugês, os votos de v. ex.ª por modo tão cordeal me transmite da parte de S. Ex.ª o presidente, do governo e do povo dos Estados Unidos, e afirmo a v. ex.ª que os mesmos sentimentos nos animam pela prosperidade da grande nação americana e do seu governo. A analogia das instituições dos nossos dois países, a gratidão de que estamos possuidos pelo acolhimento generoso que os nossos compatriotas encontram sempre no país que v. ex.ª dignamente representa decerto facilitarão as multiplas relações entre Portugal e os Estados Unidos da America e o desenvolvimento dos seus interesses comuns.

Foi-me em extremo agradavel ouvir a declaração de v. ex.ª de que cuidará profiadamente em estreitar cada vez mais os laços de amizade que felizmente unem as duas nações e a cuja consolidação todos aqui ligamos elevado apreço.

Póde v. ex.ª contar com o meu leal concurso e o do governo portugês para a realisação do fim que se propõe, ao qual encontro perfeita reciprocidade nos desejos que nos animam.»



### O Instituto de Cegos do Porto

Este instituto fundado, como o de Lisboa, pelo sr. Branco Rodrigues, bem conhecido pela sua dedicação á altruista causa dos cegos, e a que esta revista se tem já referido em suas paginas, encontrou, no sr. Miguel Motta, um não menos devotado á mesma causa, que desinteressadamente tem protegido, dedicando-lhe todos os seus cuidados e carinhos e procurando com vontade todos os auxilios para o Instituto, o qual graças a essa dedicação, prosegue a despeito dos contratempos sobrevindos.

E' o que se depreende da leitura do relatório do Instituto dos Cegos do Porto, agora publicado, pelo seu director sr. Miguel Motta, nos seguintes periodos que transcrevemos:

«Em 18 de março de 1911 foi o sr. Branco Rodrigues, fundador deste Instituto, por motivos que ignoro e sem



O CONVENTO DAS FRANCEZINHAS, QUE VAE SER DEMOLIDO PARA A CONSTRUÇÃO DO NOVO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMERCIAL DE LISBOA

# O Instituto de Cegos do Porto



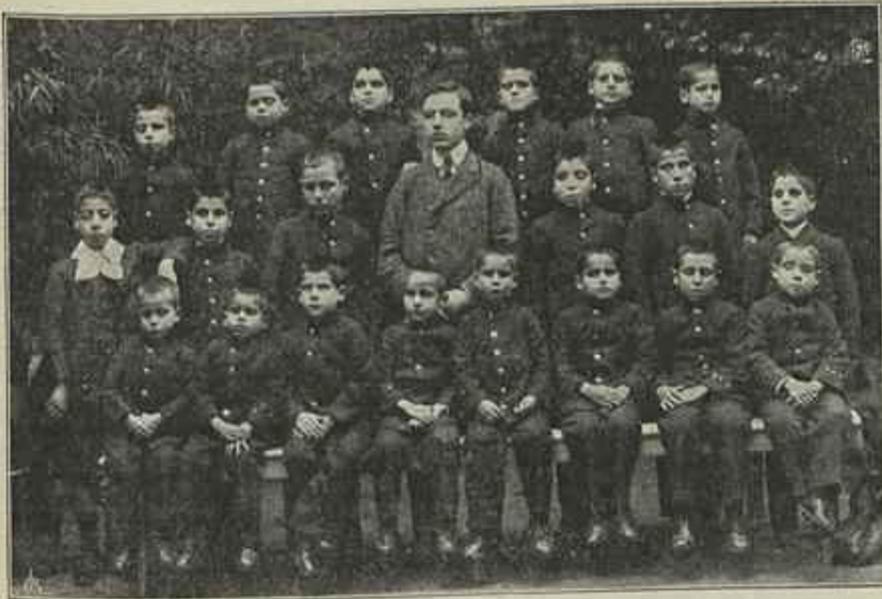
D. MARIA DA SILVA CASTRO MAIA  
*Protetora do Instituto*



MIGUEL MOTTA  
*Director do Instituto*



DR. JOSÉ GONÇALVES CURADO  
*Protetor do Instituto*



GRUPO DE ALUMNOS DO INSTITUTO



ALUMNOS NA AULA DO INSTITUTO



O ALUMNO MANUEL DE CASTRO  
TOCANDO NAS CAIXINHAS DE SUA INVENÇÃO



UM ALUMNO PONDO ASSENTOS DE PALHINHA  
EM CADEIRAS

nada me participar, fazer entrega delle á Misericórdia do Porto, que me encarregou de continuar com a sua direcção, prestando-lhe as devidas contas, o que anteriormente eu já fazia.»

«Pela mesma ocasião entregou tambem o sr. Branco Rodrigues a quantia de 2:700\$000 réis nominaes em inscrições adquiridas pelo mesmo senhor em 1907 e de que pagou os respectivos juros a este Instituto até áquella data, ficando o capital desta instituição em 7:700\$000 réis nominaes em inscrições, em poder da Santa Casa da Misericórdia, que me faz entrega dos respectivos juros nas épocas competentes.»

«A escassês de recursos proveniente da falta de receita com que contava, como era o subsidio que desde a fundação do Instituto me era concedido pelo cofre de Beneficencia (20\$000 réis mensaes), e que me foi retirado pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Governador Civil, sr. dr. Paulo Falcão, a mensalidade de 6\$400 réis que me dava o ex.<sup>mo</sup> sr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto, que foi suspensa por ocasião da sua retirada desta cidade, e ainda pela propaganda feita pelo sr. Branco Rodrigues para o Instituto de Lisboa, não me cedendo os subsidios com que muitas Camaras Municipaes da circumscrição do Norte concorrem, embora se tivesse combinado serem para este Instituto, obrigou-me a uma grande despeza de propaganda a fim de tornar bem conhecido este Instituto e ao mesmo tempo acentuar que elle, desde que foi fundado, viveu sempre independente do Instituto de Lisboa e da sua receita, como se prova com as contas publicadas até ao anno economico de 1907-1908 no *Jornal dos Cegos* e d'essa data em diante nos relatorios por mim publicados.»

Este Instituto, pelo que se lê no referido relatório mantém atualmente 22 alumnos que nelle recebem ensino e alimento, casa e vestuario, elevando-se a despeza total, em que se inclui expediente, ordenados, obras, material de ensino, iluminação, farmacia, etc., a 2:911\$930 réis, no ultimo anno economico de 1910-1911, despeza coberta com a receita, proveniente de saldo anterior, subsidio do Estado e de varias camaras municipaes, quotas de subscritores, juros de inscrições, legados, etc., a 3:081\$865 réis, restando o saldo de réis 169\$935.

O pequeno saldo que ficou, demonstra que se ao Instituto faltarem alguns dos subsidios que até aqui tem recebido, seguramente a sua vida será atrofiada, ou pelo menos, não poderá desenvolver-se como era mister, para acudir a tantos infelizes cegos que no Instituto tem o unico meio de se livrarem da miseria, tornando-se homens, quanto possível uteis, aptos a ganhar a sua subsistencia pelo trabalho.

Houve tempo em que o cego era um ente, por assim dizer, condemnado á miseria, toda a vez que não tivesse recursos patrimoniaes, visto não os poder adquirir pelo seu trabalho.

Hoje, as coisas mudaram. Graças ao metodo do benemerito Luis Braille, os cegos aprendem a ler, escrever e contar com relativa facilidade, e aproveitando o desenvolvimento que o sentido do tato adquire no cego, este se aplica, com ottimos resultados, a trabalhos manuaes, de marcenaria, de fabricação de cestos e canastras, escovas, gaiolas, pinseis, empalhamento em assentos de cadeiras, assim como outros trabalhos mais delicados de *crochets*, malhas, bordados, etc. A musica, que foi das primeiras coisas a que se applicaram os cegos, tem nestes uns inteligentes profissionais em todos os instrumentos, e até se apresenta agora, no Instituto de Cegos do Porto, um alumno que achou meio de, com umas simples caixinhas de folha, das que servem a graxa, organizar uma especie de copafone perfeitamente afinado, em que executa varias peças de musica, com o aplauso de quantos o ouvem, o que tem acontecido em alguns espectaculos publicos.

No xxxiii vol. d'esta revista, a pags. 108 e seguintes do n.º 1104, se desenvolve mais larga noticia sobre o ensino dos cegos, o que hoje é, em geral, conhecido.

Inutil, pois, é encarecer as vantagens de educar e applicar os cegos em trabalhos profissionais, entretanto, em Portugal, triste é dizel-o, essa altruista missão não tem passado da iniciativa particular, pois que oficialmente apenas se decretou, — é certo — em 22 de dezembro de 1894, o ensino dos cegos, mas esse decreto, até hoje, não passou das columnas do *Diario do Governo* á pratica, não obstante a estatistica acusar um numero de cegos superior a 8:000, em Portugal, o que deveria merecer a atenção dos poderes publicos.

Nestas circunstancias são benemeritos todos aquellos que por sua iniciativa se dedicam ao ensino dos cegos e neste numero conta-se o sr. Miguel Motta, director do Instituto dos Cegos do

Porto, o qual está envidando todos os esforços para o manter e fazer progredir, quanto possível.

Elle conta para isso com a cooperação de todos que possam vir em seu auxilio, como de facto tem vindo, e no referido relatório se presta homenagem á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Silva Castro Maia e ao sr. dr. José Gonçalves Curado pelo valioso auxilio que tem prestado a este Instituto com os livros que tem oferecido á sua biblioteca por elles escritos em relevo.

Este Instituto funciona na casa n.º 103 da rua Ferreira Cardoso, no Porto, onde são admitidas creanças de 6 a 11 annos de idade, podendo tambem ser frequentado por alumnos externos.

Nas suas oficinas fabricam-se escovas de piassaba, empalha-se assentos de cadeiras e executam-se trabalhos de escrita á maquina, etc.

Os cegos tornam-se cidadãos uteis, aptos a ganharem a vida pelo seu trabalho.

Existe no côro os tumulos da fundadora e de sua filha a infanta D. Isabel, como ao diante se explicará.

Sofreu este convento alguns danos do terremoto de 1755, que obrigou as freiras a alojarem-se em barracas armadas na cêrca, enquanto se não reparou a ruina.

Ultimamente, com o terremoto de 23 de abril de 1909, soffreu tambem muito a igreja, que foi fechada ao culto por ameaçar ruina.

Estava então estabelecido no convento um asilo de educação de costureiras e creadas de servir, que o governo da Republica mandou despejar, como de ha muito ali não haviam freiras desde que morreu a ultima que o habitava.

(Continúa.)

C. A.

## O convento das Francesinhas e a sua fundadora

### I

O convento do Santo Crucifixo, mais vulgarmente conhecido por a denominação de convento das Francesinhas, foi fundado pela rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, mulher, primeiro de D. Affonso VI e depois de D. Pedro II, nuns terrenos fronteiros ao antigo convento de S. Bento, hoje transformado em palacio do Parlamento, e á esquina da calçada da Estrella e antigo Caminho Novo, hoje rua de João das Regras.

Este convento vae ser demolido para no seu lugar se construir um novo edificio do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, abrangendo tambem a cêrca onde ha alguns annos se estabeleceu o Posto de Desinfeção de Lisboa.

O OCCIDENTE no seu proposito de arquivar em suas paginas os edificios, mais ou menos historicos, que vão desaparecendo com o caminhar dos tempos e do progresso, tem de registrar mais este edificio que muito intimamente se liga á vida de uma rainha, protagonista de um drama escandaloso, que a historia tristemente menciona.

Tratemos, porém, primeiro do convento e depois da sua fundadora.

D. Maria Francisca Isabel de Saboya, quando veiu de França para casar com D. Affonso VI, em 1666, fez-se acompanhar de quatro freiras capuchas franciscanas, as quaes foram depositadas no convento das Flamengas de Alcantara, e depois passaram para o da Esperança, onde estiveram até concluir-se a edificação do convento mandado construir pela dita rainha e que lhes era destinado, o qual foi dedicado ao Santo Crucifixo da mesma ordem franciscana.

A mudança das quatro freiras para o seu novo convento realisou-se no domingo de Pascoela de 1667, pelo que se vê que a nova fabrica não chegou a levar um anno a construir, ou então as freiras para ali foram antes della se acabar, o que é mais provavel, a não ser que haja erro nesta data.

Foi feita com a maior solemnidade aquella mudança, vindo as freiras em coches reaes, acompanhadas de damas da côrte até á igreja de S. Bento (1) que estava ricamente armada e onde esperadas pelo cabido que se incorporou na processão até ao novo convento; as religiosas traziam, cada uma na mão, um crucifixo e na cabeça uma corôa de espinhos. Levava o sacramento D. Luis de Sousa, capelão de D. Pedro II. Estas religiosas estiveram sujeitas á obediencia da nunciatura até 1739, em que, por bula do Papá Clemente XII, ficaram sujeitas ao ordinario. A primeira abadessa deste convento foi madre Maria de Santo Aleixo.

E' relativamente vasto o convento e cêrca, sendo a igreja de muito regulares dimensões, toda de marmore e talha de madeira dourada, com uma só nave e duas portas, a principal para o nascente e a lateral para o norte.

Além da capela môr bastante espaçosa, tem seis altares contando-se com dois que estão debaixo do côro; revestindo as paredes vêm-se quadros emoldurados em talha dourada. Temos alguma lembrança destes quadros, como tendo valor e bom será que dali se não arranquem sem serem vistos por pessoa competente que lhes dê o devido destino. O tecto tem tambem pinturas representando as Virtudes Teologaes e ao centro S. Francisco e Santa Clara adorando a Cruz.

## A PESTE

(Continuado do numero antecedente)

Nos principios do 18.º seculo existem na Europa alguns pequenos focos: Malta, Noja e Grecia. Estes ataques foram de limitada gravidade.

A partir de 1850 a peste passou portanto á historia da medicina. Littré no seu dictionario cita-a como doença extinta.

Mas, em 1858, a Cyrénaica foi visitada por uma epidemia de peste aliás não reconhecida, e em 1874 outra epidemia rebenta na Assyria, ao sul da Arabia.

A peste não tinha desaparecido, aquartelara-se nas regiões de origem, nos planaltos do Himalaya, do Turkestan, Corea, Yunnan, lago Baikal, Ouganda (perto do lago Victoria em Africa). Os focos endemicos durante meio seculo, não tinham provocado epidemias fóra destas regiões pouco visitadas e pouco conhecidas.

O espanto foi enorme, quando a peste, em que ninguem já pensava, appareceu subitamente em Catão, em 1894, onde houve tres mil victimas, tres mil na ilha de Hong-Kong e mil por semana em Bombaim. Rapidamente toda a India foi atacada, que estando em communicação com todos os portos do mundo, poucos escaparam. Toda a Asia foi invadida, a Australia, a Nova Caledonia, Madagascar, a ilha Mauricia, a Reunião, o Cabo, Delagoa, etc., apresentam alguns casos. Na Europa alguns casos se dão em Londres, Glasgow, Napoles, Marselha, Constantinopla, Marrocos, Porto, etc.

Não posso deixar de me referir á peste do Porto visto ser uma epidemia que ha tantos e tantos annos nos não visitava e que infelizmente nos deixou tristissima recordação da grande perda do infeliz professor dr. Camara Pestana.

O primeiro caso de peste no Porto deu-se em 5 de junho de 1899 n'um hespanhol, Gregorio Blanco, de 47 annos, carregão de bordo e dos armazens do porto, depois de um trabalho aturado de descarregar fardos de couros conduzidos a bordo do vapor inglez *City of Cork*, proveniente da India ingleza onde grassava com intensidade a peste bubonica. Gregorio entrou em casa, na rua da Fonte Taurina, taciturno e cambaleando, chegando a gente que com elle vivia a suppôr que vinha embriagado. Foi á latrina e como os companheiros extranhassem a demora, foram encontrar-o morto. Nos dias seguintes foram os companheiros a pouco e pouco atacados e mandados recolher ao hospital de Santo Antonio. Eis o principio desta epidemia.

O professor dr. Ricardo Jorge foi incumbido de dirigir os trabalhos de ataque contra a epidemia, pelas providencias scientificas e acertadas que tomou a fim de que o mal não alastrasse e não fizesse grande numero de victimas, como realmente não fez, o povo amotinou-se por varias vezes apedrejando-lhe a casa onde residia e o laboratorio municipal onde procedia ás analyses bacteriologicas. O mesmo succedeu aos clinicos que desempenhavam quaesquer commissões de saude publica.

No povo espalhou-se a estúpida ideia de que a epidemia tinha sido creada pelo professor Ricardo Jorge com *umas coisas que elle tinha no laboratorio*. O hospital que então se formou denominado de Guelas de Pau infundiu tão grande temor que, mesmo antes de se abrir, pelas ruas cantavam em grande gritaria:

Mette, mette, mette, mette,  
Que não é de todo mau,  
Se te doer a cabeça  
Vaes p'ras Guelas de Pau.

(1) Portugal — Dictionario Historico, vol. 1/2, pag. 285.

Esta epidemia foi estudada por diversas sumidades medicas mandadas officialmente.

A commissão medica de Lisboa era composta dos drs. Silva Amado, Daniel de Mattos, Alfredo Costa, Camara Pestana e Virgilio Poiares.

De França vieram os drs. Calmette e Salembri; de Italia os drs. Bandi, Stagnitta e Gosio; da Russia o dr. Happner; de Berlim os drs. Kossel e Frosch; de Hespanha os drs. Ferran, Vines, Gran, Montaldo, Antonio Leras e Lopez de Castro; da Noruega os drs. P. Aaser e Maguns Geirsvold; de Hamburgo os drs. Theodor Rumpel e Franz Reich, etc.

De todos estes distinctos medicos foi o professor Luiz da Camara Pestana victima da cruel epidemia da peste. O dr. Pestana nasceu em 28 de outubro de 1863 e falleceu em 15 de novembro de 1899. Terminou o curso em 1889 e nomeado lente substituto da secção medica em 12 de maio de 1898. Era director do Instituto Bacteriologico e vogal substituto do conselho superior de hygiene.

O dr. Camara Pestana esteve por duas vezes no Porto, a primeira officialmente e a segunda por sua espontanea vontade para completar as observações com que esperava enriquecer um trabalho valiosissimo que tencionava publicar.

Da segunda vez partiu a 11 de outubro para o Porto e regressou a Lisboa a 9 de novembro e ás 4 horas da tarde do dia seguinte foi atacado dos primeiros symptomas da doença. O dr. Pestana residia no predio n.º 118 do Campo dos Martyres da Patria e foi immediatamente internado e isolado no hospital de Arroyos bem como todas as pessoas de sua familia em numero de tres, mãe, filha e uma creada. No outro andar do mesmo predio havia uma reunião familiar encontrando-se ali umas quarenta e tantas pessoas que foram isoladas no Lazareto.

Varios oollegas, entre elles o professor Bello Moraes e Saimberi, raras vezes abandonaram o leito; pouco tempo antes da morte, que perfectamente conheceu e se deu minutos antes do meio dia, Camara Pestana, ditou uma carta dirigida á rainha D. Amelia.

Segundo documento official, o numero de casos averiguados foi de 326 e o de obitos 111.

E já que fallamos d'esta victima da sciencia, vem a proposito citar mais tres casos identicos que se deram em Vienna d'Austria, em outubro de 1898; o dr. Muller, o creado do instituto pathologico Barish e a enfermeira Pecha.

A peste, depois da reaparição em 1899, tornou-se endemica na India e China, d'onde tem feito excursões varias.

Ultimamente a Mandchuria tem sido desimada por uma terrivel epidemia de peste pneumoica de marcha rapida e prognostico quasi sempre fatal. As noticias dos jornaes fazem recordar a historia da idade media.

## II — Symptomas e formas clinicas

A *incubação* é relativamente pequena; um a seis dias; pôde ser um pouco mais longa na peste bubonica. Em geral, não passa de cinco dias.

A *invasão* é variavel, ás vezes brusca, mais frequentemente precedida de alguns prodromos: mal estar, vertigens, nauseas, calefrios, palpitações. A maior parte das vezes, o calefrio e a febre são o inicio.

Ha *tres formas* com symptomatologia e prognostico muito differentes.

A. *Fôrma bubonica* — E' a mais frequente e benigna. A mortalidade não vae além de 70 %; pôde ser mesmo muito menor, como no Porto. Diminue muito com o tratamento serotherapico. Alguns casos são ligeiros, frustes.

Como o seu nome indica, esta fôrma é caracterizada por *bubões*. A doença, por este facto, é bastante localisada, pelo que o organismo tem tempo para se defender e para o tratamento ser instituido. O bubão é a complicação de uma picada infectante de pulga. No ponto da picada, uma ou muitas phlyctenas indicam a porta de entrada. No ponto onde confinam os lymphaticos da região: o bubão. Este é mais frequente na virilha, principalmente nos indigenas da India, da China e do Egypto, pela picada da pulga ter logar principalmente nas pernas (nuas). Encontra-se tambem na axilla e no pescoço.

Estes bubões encontram-se, em geral, ao segundo dia ao mesmo tempo que os symptomas geraes (febre, cephalgia, dores varias, delirio, vomitos, dyspnea, etc.) apparecem. São tumores duros, ás vezes muito dolorosos, podendo atingir o volume de um ovo. Muitas vezes a massa ganglionar total d'uma região é atacada.

Os casos que apresentam bubões suppurados, tem já passado o periodo mais perigoso, mas curam-se muitas vezes. O bubão é um signal de defeza do organismo contra uma infecção local; a supuração é indicio de passar o estado agudo.

Quando a terminação é fatal, a morte vem do terceiro ao quarto dia, com o coma. Mas complicações varias, recabidas, recidivas são frequentes e pôdem mais tarde produzir a morte. A convalescença é muitas vezes longa.

A fôrma bubonica é a classica.

B. *Fôrma pneumonica* — Em todas as epidemias de peste nota-se casos de fôrma pneumonica. A porta d'entrada não é peripherica, cutanea devida a picada de pulga; é pulmonar, é o contagio de homem para homem, pelos escarros, pelas poeiras. O movel do contagio é analogo ao da grippe.

A pneumonia pestosa é excessivamente grave; a mortalidade chega de 95 a 99 %, ou mesmo 100 %. A epidemia da Mandchuria foi, a maior parte, fornecida por casos pneumonicos. Foi de certo a pneumonia pestosa que causou as maiores devastações do 14.º seculo.

As veses a pneumonia é secundaria na peste bubonica. Quasi sempre é primitiva. Principia bruscamente por um calefrio, mal estar, febre intensa, cephalgia, nauseas, vomitos, pontadas lateraes no thorax. Ha tosse, os escarros são mucosos, rosados, sanguinolentos mesmo. A' auscultação: fôcos, multiplos de broncho-pneumonia. Com rapidez a dyspnea torna-se intensa, o pulso é pequeno; o baço hypertrophia-se; os symptomas geraes agravam-se. A morte vem dentro de d'algumas horas ou d'alguns dias.

E' pouco mais ou menos o quadro d'uma pneumonia infecciosa ordinaria. Em tempos d'epidemia ou nas povoações ameaçadas pelo flagello, todas as pneumonias devem ser consideradas suspeitas e examinadas bacteriologicamente.

C. *Fôrma septicemica* — E' a peste fulminante, sempre mortal. Pôde terminar por outra fôrma. Mas é principalmente constituída por casos de tal modo agudos que a morte vem antes de qualquer localisacão. E' a infecção geral d'assalto. Muitos casos da Mandchuria foram septicemicos. A morte é fatal dentro de algumas horas, com os symptomas graves já descriptos.

A fôrma septicemica é acompanhada, muitas vezes, de hemorragias (*peste negra do 15.º seculo*).

(Continúa.)

S. A.

## A casa submarina

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1174)

«Foi um grande arrojo dizer isto, mas o céu é testemunha em como o disse com boa intenção. Talvez se me apertassem muito, me tivessem feito confessar que duvidava bastante da minha profecia, porque no fim de contas só eu comprehendia a situação em que nos encontravamos e o que significava uma derrota.

«Era provavel que antes da noite, houvessem cadaveres pelas rochas em volta de mim e sepultados no fundo do oceano; que alguns dos homens que estavam nas lanchas, occupassem as galerias interiores da casa submarina; que se ouvissem gritos de mulheres e que occorresse alguma coisa extraordinaria.

«Mas... falemos de outra coisa... De Czerny, da sua habitação e do que fariamos, caso tivéssemos a sorte de tudo correr bem.

— «E' um homem assombroso — disse-me o velho Clair-de-Lune, de pé, como a estatua de Neptuno na ponta de uma rocha, — não ha ninguem como elle. Ha treze annos que descobriu este logar, e ha treze annos que faz naufragar os navios que aqui passam. Não sei porquê, houve um dia em que conversou muito commigo e eu tive paciencia para o escutar. Dizia-me então: «O meu ideal é fazer fortuna sem trabalhar!... Ser marinheiro é perigoso... pôde-se morrer afogado... é o diabo...» Todos estes annos atraz se tem

perdido barcos na ilha de Ken. Czerny ouviu falar d'isto no Japão e quiz vêr com os seus proprios olhos, se era ou não verdade. Dizem que uma vez foi atacado pela doença da ilha, o somno maldito, ficando com as faculdades intellectuales affectadas. Desde então não conhece o bem nem o mal, nem se importa com o mundo. Veiu a esta ilha só com a idéa de se tornar rico. Os seus engenheiros encontraram esta rocha. Uma vez, ha já muito tempo, que ella fazia parte d'um... como se diz, capitão?... Vulcão, não? isto que deita fogo... Mas isso foi antes de haver gente no mundo. Czerny descobre então as duas cavernas, a grande e a pequena, e diz: «Viverei aqui na época do somno.» Muito dinheiro se gastou para fazer uma casa bonita. Intercepta o passo ao mar por toda a parte por onde elle poderia entrar na casa; constroe grandes janellas na rocha; o seu machinista monta em seguida machinas para absorver o ar natural. Durante alguns annos Czerny vive só. Depois, um dia, vem Madame. Ah! capitão, fiquei bastante triste quando veio Madame.

«Vae soffrer aqui bastante» disse eu; e realmente, assim tem sido. Czerny não é como os outros homens.

«Se Madame lhe tivesse dito: «tu és bom, e viverás aqui commigo sempre» então tel-o-hia aqui seguro. Ella faria o que quizesse, seria senhora, governaria em tudo; mas eu, assim que a vi, disse: «Não, nunca, ella não será capaz de lhe dizer isso, porque seria mentir á sua consciencia, e parece uma senhora de bom coração.» Então temi por ella, capitão, temi muito. Não sabia que tinha amigo inglez para a vir salvar.

«Voltou-se para mim com ar malicioso, e nos seus olhos li o affeto que Ruth Bellenden havia inspirado sempre a todos que com ella lidavam.

«Segunda feira, ás três da tarde. — Celebrámos um conselho no salão, e concordamos n'um plano para reprimir o ataque supremo, que sem duvida farão contra nós esta noite. Somos todos da mesma opinião, isto é, que Czerny tentará assaltar a casa protegido pela escuridão da noite. Não pudemos esperar a luz da lua nem das estrellas, quando o dia findar. Teremos uma noite escura, enevoada e talvez tormentosa.

«Se a tempestade estala e a natureza se allia a nós, a vantagem será nossa e tudo acabará rapidamente. Mas não temos direito a confiar que assim succeda. Devemos fazer frente á situação como homens que pensam friamente e estão dispostos a todas as eventualidades.

«Dormi um pouco até ao meio dia, e as primeiras noticias que me deram assim que acordei, foram que os quatro homens de Czerny prisioneiros nas cavernas inferiores, se haviam rendido, e podiamos contar com a fidelidade dos outros dois piratas que se tinham juntado a nós.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

## Officina de trabalhos manuaes no liceu «Camões»

Vae, felizmente, entrando numa nova orientação o ensino official em nosso país, e diremos official, porque, particularmente, já as modernas fôrmas de ensino se encontram em pratica, como, por exemplo, na Escola Official n.º 1 da Graça, fundada pela Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, sem se falar na Casa Pia de

Lisboa, que, embora sob a tutela do Estado, se tem dirigido por provedores como Simões Margiorchi e Costa Pinto que nella introduziram novas disciplinas de ensino pratico.

Agora foi no liceu *Camões*, sob a reitoria do sr. dr. Acacio Guimarães, que se realizou a inauguração de dois grandes melhoramentos tendentes a desenvolver a instrução científica e pratica, como é mister estabelecer nas nossas escolas preparatorias.

Foram assim inauguradas duas installações para depuração das aguas, por meio do esterelizador Cartault, o preferido no concurso ha pouco realizado na Camara Municipal de Lisboa, e um bebedouro higienico, por onde se bebe a agua esterelizada perfeitamente imune do contato da bôca e porisso da comunicação de qualquer doença.

Parece-nos inutil encarecer as vantagens destes aparelhos, tanto mais num estabelecimento escolar frequentado por centenas de alumnos.

O outro melhoramento foi a inauguração de uma officina de trabalhos manuaes, onde os alumnos, fóra das horas das aulas, pôdem applicar-se a exercicios de carpintaria e marcenaria, para o que está perfeitamente organizada com ferramentas e mestres.

Estes exercicios de trabalhos manuaes são, é claro, tambem exercicios fisicos de uma bella gymnastica de robustecimento, sendo, para esse fim, dos melhores os trabalhos de carpintaria e



LICEU «CAMÕES» — OFFICINA DE TRABALHOS MANUAES DOS ALUNNOS  
(Cliché Alberto Lima)

marcenaria, além da utilidade de se exercer um officio, que poderá aproveitar em muitos casos da vida.

Lá fóra é vulgar estes e outros officios fazerem parte da educação, até nas classes mais aristocraticas, como são reis e principes que todos aprendem um e mais officios, como é sabido.



## Arte

É este o titulo de uma esplendida revista mensal, publicada no Porto, e que se dedica, muito especialmente, consoante seu titulo, á reprodução de obras de arte, tanto contemporaneas, como

pois que é tambem proprietario da revista, pela qual deverá ter justo desvanecimento como a mais bella do seu genero que se publica entre nós.

O OCCIDENTE devia de ha muito esta especial referencia á sua distintissima colega, de que aliaz aqui tem reproduzido algumas de suas magnificas gravuras, como ainda as do numero antecedente, dos dois bellos quadros de Marques de Oliveira e Acacio Lino, *Compondo as redes e A casinha da Pedreira*.

O ultimo numero da *Arte*, que recebemos, publica um excelente retrato do sr. Vieira Natividade, autor do livro, a que ainda ha pouco aqui nos referimos, *Ignês de Castro e Pedro o Cru perante a monographia dos seus tumulos*, reproduzindo tambem os tumulos de Alcobaca e varios fragmentos em separado, tudo em nitidissimas simile-gravuras de primorosa execução.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Contos e Digressões

FOR CAETANO ALBERTO  
Um elegante volume de 234 paginas, profundamente illustrado com desenhos de A. Hamalho e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartonagem em relevo, ouro e côrea, completa novidade, preço 500 réis

A venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Pço Novo — LISBOA

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographie chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CONTRA  
A TOSSE

LABOPE PEITORAL  
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

## Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em ealdos peitoraes, com feliz exito. É de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A venda em todas as pharmacias

## Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis